

Uma baderna autenticamente revolucionária

Otávio Tirso de Andrade

A resposta rijo se fez esperar. O sr. presidente da República ainda estava nas nuvens, com a lembrança dos bródios romanos, cujo arriére-gout fazia-o esquecer as lamúrias dos Ulysses de sua barca, e o Partido Clerical Revolucionário, a CUT e o PT conflagravam a região açucareira de Leme, no interior paulista. Ao pisar o solo brasileiro o sr. José Sarney viu logo que a tentativa de conter os perturbadores da paz nos campos não tem por que ser feita junto à Santa Sé. Ha que promovê-la em Moscou.

Mas não nos percamos em pormenores. A transcrição das homilias revolucionárias pronunciadas por ocasião do sepultamento de mais duas inocentes vítimas da guerra deflagrada pelo PCR e seus aliados da CUT e do PT fica para outra ocasião. Também não vem ao caso ocupar espaço em comentários sobre essa história de veículos da Assembléia paulista a trafegarem com chapa-frias em despuorada demonstração do que os subversivos esperam das áreas do poder a que têm acesso. Anotemos porém, apenas de passagem, a aplicação prática, pelo PCR et caterva, de alguns ensinamentos de guerrilha rural aprendidos em Cuba: — o fogo ateados a canaviais por piquetes empenhados em privar os "bóias-frias" do direito de trabalhar. A reaproximação entre Havana e Brasília, inepta barretada do governo Sarney aos fait-néant da esquerda, com fins de política interna, dará aos brasileiros a oportunidade de conhecerem, em curto prazo, proezas subversivas mais elaboradas, ensinadas aos militantes das "pastorais-da-terra" e das "comunidades eclesiais de base". Os cursos ministrados em Cuba e na Nicarágua por competentes terroristas fidelistas.

A grave crise exige compreensão das causas que a possibilitaram. Façamos um esforço, ainda que sumário, para compreendê-la além da atroada dos movimentos de rua. A agitação não resulta apenas da dialética dos teólogos-libertadores. Assistimos também a uma ressurgência de velhas posturas radicais do clero católico, suscitado pela invasão da cena social por milhares de miseráveis gerados no decorrer do processo de expansão do estatismo. A atitude diante dos "sem terra" assumida por militantes sinceros do PCR — também os há, evidentemente — lembra muito, por exemplo, as manifestações de frei Bartolomeu de las Casas em presença do imperador Carlos V, a propósito dos índios americanos.

"Os índios são iguais aos europeus" — afirmava Las Casas em 1530. "Sabem fazer tudo que nós fazemos; menos ferrar cavalos" — aduzia com minúcias. Até os sacrifícios humanos praticados pelos primitivos habitantes da América eram justificados pelo frade como meritórios, por significarem um desapego à condição humana e constituírem homenagem ao sobrenatural (Agentes do PCR também são ensinados a dispor-se ao sacrifício supremo).

O aldeamento compulsório de indígenas nas "reduções" missioneiras do Paraguai — desmantelados pelos bandeirantes ao expandirem a fronteira nacional — é outro exemplo de comunismo primitivo que muitos próceres do PCR gostariam de ver reproduzido aqui, à custa da massa camponesa. A prova desse comportamento nos é dada, por exemplo, pelos padres estrangeiros, do Maranhão, quando se ofereceram em defesa de populações nômades que vivem da colheita de sementes oleaginosas silvestres. Não ha como preservar uma atividade primitiva diante do avanço da pecuária moderna, com a inevitável demarcação, por cercas de arame, dos campos de pastagem. As populações cujo meio de vida — melhor seria escrever

"meio-de-morte" — os padres lutam por preservar estão na fase paleotécnica da atividade agropastoril. Não há meio de o país crescer e alimentar-se sem fazê-los mudar de vida.

Os clérigos possuídos pelas velhíssimas e retrógradas convicções, alistados no PCR de hoje, não gaguejam para afirmar inverdades e sofismas. Tornam-se naturais aliados dos comunistas para os quais os fins também justificam os meios. O Partido Clerical Revolucionário imporia a sua "verdade" pela força, se tivesse como fazê-lo. O tema é amplamente abordado de forma brilhantíssima no extraordinário ensaio do venezuelano Carlos Rangel "Del buen selvaje al buen revolucionário" várias vezes citado nestes artigos.

O grave, para nós, é que o fanatismo dos novos Las Casas tem a adubá-lo o interesse de uma superpotência totalitária — a URSS — empenhada na conquista do mundo. O padre nicaraguense Ernesto Cardenal expressa sem reboços a aliança da empostação antiga com a militância moderna. Eis o que nos diz: "Pode-se vir a ser revolucionário, sem ser comunista. Mas não é possível ser revolucionário e anticomunista. Quanto a mim, não sou, sob qualquer forma, anticomunista. Antes, até, na minha qualidade de sacerdote católico, considero-me marxista e comunista. Chego até a pensar que, atualmente, na América Latina, para ser revolucionário, tem-se que ser marxista e comunista. Mais ainda: para ser cristão autêntico na América Latina tem-se que ser comunista" (Rangel. ob. cit. pág. 228, Monte Avila Editora, Caracas).

O que vimos, então, nos conflitos na cidade paulista de Leme? Ao lado de agentes estipendiados por entidades subversivas estrangeiras, vários seguidores de Cardenal e herdeiros de Las Casas. Grande estultice cometerá o Governo Federal, portanto, se tomar as seríssimas ocorrências como fenômeno meramente municipal.

Os movimentos de massa, a partir de certa dimensão, não mais se submetem à vontade dos homens, tornados tão impotentes diante deles quanto em presença dos vendavais e dos vulcões. "A embriaguez do fanatismo é avassaladora quando as paixões ricocheteiam de indivíduo em indivíduo e explodem na multidão em gritos, gestos, em ação, enfim" (Alain: Mars ou la guerre jugée in Les Passions et la Sagesse. Pleiade. Pág. 623).

Em conclusão: os conflitos em Leme tem causas complexas e constituem fato político da maior gravidade. A mediocridade substantiva de certos governantes não logra nem logrará jamais compreendê-los em sua verdadeira natureza. Por exemplo: — a privação de órgãos sensoriais adequados à emergência, na Presidência da República, é demonstrada por manifestações de alguns de seus porta-vozes e intérpretes. Os insignificantes indivíduos viram nos conflitos comentados neste artigo incidentes trabalhistas de âmbito municipal. Felizmente, porém, os jornais dão conta de que a os ministros do Trabalho, da Justiça e do Exército teriam se apercebido da verdadeira dimensão do caso. Antes assim.

Otávio Tirso de Andrade é jornalista

(Página 11)